

Traços de didaticidade em artigos de divulgação científica mediática. O caso de uma edição especial “verde” da revista *Visão*

RAMOS, RUI
rlramos@ie.uminho.pt

**MARQUES, MARIA
ALDINA**
mamarques@ilch.uminho.pt

Instituto de Educação-Universidade do Minho

Instituto de Letras e Ciências Humanas-Universidade do Minho

PALAVRAS-CHAVE:
discurso de divulgação científica;
discurso mediático;
reformulação parafrástica e não parafrástica;
marcadores de reformulação;
didaticidade forte e fraca.

KEYWORDS:
Popularization discourse;
media discourse;
paraphrastic and non-paraphrastic reformulation;
reformulation markers;
strong and weak didacticity.

RESUMO: Desde 2007, com periodicidade anual, a revista de informação generalista semanal *Visão* publica uma edição “verde”, dedicada a questões ambientais. O presente estudo analisa a ocorrência e as funções dos mecanismos de reformulação identificáveis nos textos ou segmentos textuais de divulgação científica presentes nas edições de 2014 e 2015 desta revista. Parte, em primeiro lugar, da hipótese de que as características do género em análise, o discurso de divulgação científica mediática, propiciam a sua ocorrência ao serviço, nomeadamente, da referenciação e têm implicações na construção quer das imagens dos interlocutores, quer das relações interlocutivas que se estabelecem no e pelo texto/discurso. Considera, ainda, os textos em análise marcados por didaticidade fraca, que decorre essencialmente da situação e dos objetivos comunicativos. Reconhece, igualmente, o relevo que o discurso da ciência (na sua vertente de divulgação) assume em relação à temática em causa e à organização textual adotada. A consideração dos dados na sua globalidade permite afirmar que a reformulação está presente, sem ser um recurso central. Os marcadores de reformulação são identificáveis e são produtivos. Contudo, a maior parte das operações de reformulação ocorre sem marcador de reformulação discursiva.

ABSTRACT: Since 2007, on an annual basis, the weekly general information magazine *Visão* publishes a “green” edition, dedicated to environmental issues. This study examines the occurrence and functions of reformulation mechanisms identifiable in the texts or textual segments of science popularization present in the 2014 and 2015 editions of this magazine. Firstly, it elaborates on the hypothesis that genre characteristics of the analysed discourse (the discourse of public communication of science through the media) favour their occurrence at the service of referenciation and that they have implications for the construction of the image of

the interlocutors, and also for the interlocutive relationships established in / by text/discourse. Secondly, the study considers the texts under analysis marked by weak didacticity, which derived primarily from the communicative situation and from the communicative goals the texts have. It also recognizes the importance that the discourse of science (in its popularization feature) assumes relating to the theme in question and the textual organization adopted. The consideration of global data suggests that the reformulation is present without being a central feature. The reformulation markers are identifiable and they are productive. However, most reformulation operations occur without any reformulation discourse markers.

1. INTRODUÇÃO

O discurso de divulgação científica tem no discurso ambiental uma *vertente temática* que marca a atualidade social. Um e outro são marcados pela presença intertextual do discurso científico (Harré, Brockmeier e Mühlhäusler, 1999; Ramos e Carvalho, 2008; Ramos, 2009, 2011, 2012, García Negroni, 2009) com diversas consequências ao nível da estruturação micro e macrotextual e efeitos plurais ao nível pragmático-comunicativo¹.

1. Existen en efecto, actualmente, numerosas investigaciones que, desde perspectivas contrastivas tanto disciplinares como lingüísticas, se centran en las propiedades discursivas, retóricas y textuales del texto científico, entendido éste como un escrito dirigido a una comunidad de pares, reconocido por ella y destinado a la producción de un saber en un campo disciplinar específico. Pero, al mismo tiempo, también se perciben tendencias a interrogar de manera conjunta el discurso científico con otros discursos de esferas cercanas, como lo son los discursos de divulgación o vulgarización (cf. Mortureux, 1985; Jacobi, 1999; Cassani, López y Martí, 2000; Harvey, 2004; Marinkovich, 2005) y los discursos universitarios, en particular, los académico-pedagógicos y los diversos géneros solicitados a los estudiantes (cf. Vallejos Llovet, 2004; Hall, 2007; Sánchez Avendaño, 2005; Nuñez, Muñoz y Milhovilovic, 2006). (García Negroni, 2009: 46).

Esta presença interdiscursiva faz-se notar tanto no discurso empenhado das organizações ambientais, como no discurso informativo e divulgativo da imprensa generalista². O discurso de divulgação científica, contudo, distingue-se pela *didaticidade*, como acentua Sophie Moirand (1993 : §24):

on définit la *didacticité* comme *une intention de changer l'état des connaissances chez l'autre*, alors que, par exemple, *la fonction de la recherche scientifique serait de produire des connaissances nouvelles dans un domaine spécialisé*³.

Entre os mecanismos textuais de natureza metadiscursiva que se manifestam ao nível microtextual, os de reformulação assumem papel de relevo na construção dessa *intenção* discursiva (Moirand, 1993, 1999, 2007; Calsamiglia e Tusón, 2002), pois são mecanismos “which seek to reduce the possibility of pragmatic ambiguity” (Hyland 2007: 268).

A investigação sobre *didaticidade* tem privilegiado os discursos académicos, que são prototipicamente “didáticos”; trata-se de uma “*didacticité première*”, ou *forte*, segundo Moirand (1993: §7). Ainda que com especificidades de género diversas, o *discurso de divulgação científica* que aqui nos interessa é configurado, também, em função de uma constrição de didaticidade, que a autora denomina “*didacticité seconde*” ou *fraca*.

É fundamental, portanto, caracterizar este fenómeno discursivo, o que, também segundo Moirand (1993: §5) obriga a considerar três ordens de questões:

...essayer plutôt de caractériser «la didacticité» de discours non prioritairement didactiques amène à croiser trois sortes de définition:

L'une, *situationnelle*, inscrit la didacticité dans une situation de communication où l'un *des producteurs possède un savoir supérieur à celui de l'autre*, savoir qu'il est obligé ou qu'il désire *faire partager à l'autre*. On peut poser alors des différences entre les interactions professeur/étudiant ou employé/client.

Une autre définition, *formelle* cette fois, définit «la didacticité» à travers ses *manifestations linguistiques repérables à des procédés langagiers spécifiques* (des catégories discursives ?) telles que *définitions, exemplifications, explications, certaines traces prosodiques ou iconiques*, toutes formes qui renvoient à des processus cognitifs particuliers, et dont on peut lister les variabilités lexicales et syntaxiques.

La troisième définition, plus *fonctionnelle*, repère la *visée mise en jeu* dans un texte: s'agit-il de *faire savoir ou de faire faire? D'exposer ou de faire apprendre ? de faire voir ou de faire croire?*

Retomaremos estas questões na caracterização do género discurso de divulgação científica.

1.1. OBJETIVOS DO ESTUDO E DADOS DE ANÁLISE

Este estudo pretende analisar a *ocorrência e funções dos mecanismos de reformulação* identificáveis nos textos ou segmentos textuais de divulgação científica presentes nas edições especiais “verdes” da revista *Visão* em 2014 e 2015, partindo da *hipótese* de que as características de género do discurso em análise propiciam a sua ocorrência ao serviço, nomeadamente, da referência, com implicações na construção quer das imagens dos interlocutores, quer das relações interlocutivas.

A revista *Visão* é uma publicação que, de acordo com o seu estatuto editorial, se assume como uma “revista semanal de informação geral que pretende dar, através do texto e da imagem, uma ampla cobertura dos mais importantes e significativos acontecimentos nacionais e internacionais, em todos os domínios de interesse” (*Visão*, nº 1158, 14/5/2015, pp. 4). Desde 2007, publica, anualmente, uma edição “verde”, totalmente dedicada a questões ambientais,

2. Assumimos aqui a polissemia dos termos texto e discurso, o que justifica a sobreposição de eixos semânticos nos usos que fazemos dos dois termos. Assim, texto é usado ora como suporte escrito, produto estritamente verbal, de um ato de comunicação (os textos que constam das revistas em análise), ora como processo indissociável do contexto de produção - um objeto empírico multimodal, ora como unidade composicional, marcada por um tipo de sequência dominante (texto explicativo), ora como categoria de género. *Discurso*, por sua vez, ocorre preferencialmente como categoria genérica (o discurso de vulgarização científica), mas também como objeto empírico multimodal (preferencialmente representado como texto/discurso).

3. Em todas as citações, os itálicos são da nossa responsabilidade.

organizadas em torno de um tema específico. Nos anos de 2014 e 2015, são as edições nº 1131 e nº 1158, correspondendo respetivamente às semanas de 6 a 12 de novembro de 2014 e de 14 a 20 de maio de 2015. A primeira é dedicada a “empregos verdes com futuro” enquanto a segunda é consagrada inteiramente à “preservação do litoral”. Partimos da hipótese – que justifica a escolha do *corpus* – de que o discurso ambiental marca presença forte nestas duas edições. Saliente-se, todavia, que a ocorrência de um determinado texto/discurso numa destas edições não garante a categorização como discurso de divulgação científica. E, como veremos, esta não é uma distinção nítida, absoluta.

2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

2.1. O DISCURSO DE DIVULGAÇÃO CIENTÍFICA

Os textos/discursos de divulgação científica, enquanto género discursivo, poderão ser categorizados tendo em consideração, em especial, as suas condições de produção, de acordo com a organização dos fatores que Kerbrat-Orecchioni (1990) designou como quadro comunicativo, e de que salientamos os participantes e os objetivos da interação discursiva.

Tipicamente, o objetivo global de um texto de divulgação científica será o de tornar o alocutário mais competente, ou seja, *fazer-saber* e *fazer-compreender*. Esta precisão é importante, na medida em que permite distinguir o texto informativo (uma notícia, uma reportagem, uma breve...), que assume por objetivo ilocutório o de *fazer-saber*, do texto explicativo (onde se encontrarão os artigos de divulgação científica) que, ainda que incorpore igualmente o objetivo de *fazer-saber*, se distingue daqueles por igualmente pretender *fazer-compreender* – podendo este objetivo ilocutório ser igualmente descrito como *uma tentativa de modificar a perceção do leitor sobre determinado tema* (Giering, 2011)⁴.

Naturalmente, só será relevante *fazer-compreender* se o objeto do conhecimento apresentar, para o alocutário previsto, uma densidade conceptual que justifique um processo explicativo.

4. Note-se o comentário de Moirand (1993 : §21): Enfin, dernier cas que l'on examinera de la présence du destinataire: celui où l'interaction énonciative s'inscrit toute entière dans l'énoncé et où le Faire savoir ou le Faire comprendre l'emporte sur le Faire faire ou le Faire agir, *ce qui n'implique pas pour autant une volonté de rendre l'autre plus compétent (si l'on songe à certains discours de vulgarisation grand public)*.

Acresce que o facto ou fenómeno alvo de explicação é apresentado como consolidado e incontestável (caso seja apresentado como objeto de contestação, poderá ser entendido como objeto de discurso polémico, por exemplo, e não como objeto de discurso divulgativo, sendo toda a cénarização, no sentido de Maingueneau (1998), organizada de forma diferente).

Fundamental neste quadro de discurso de divulgação científica é, ainda, a construção de uma relação interlocutiva assimétrica. Ao contrário do texto científico, construído numa “comunidade de pares” (García Negroni, 2009: 46), o discurso de divulgação caracteriza-se por convocar uma relação interpessoal assimétrica: o locutor apresenta-se como dominando um saber (seja porque está associado à entidade que o produziu, isto é, possui um estatuto académico-científico, seja porque se autoriza como divulgador/mediador); ao alocutário é reservado o papel de quem não possui o conhecimento em causa, mas pretende adquiri-lo ou está disponível para o fazer.

As questões de figuração ou de *ethos* desempenham, portanto, papel de relevo, sobretudo se o locutor considerar que deve ou necessita de robustecer a sua imagem em função de uma credibilidade acrescida, condicionada, por sua vez, e esta é uma relação fundamental, pela imagem que constrói do seu alocutário.

Do ponto de vista compositivo, o texto/discurso de divulgação científica apresenta a característica de subordinar as sequências narrativas e descritivas, que possam ocorrer, a uma dominante explicativa. Entre os seus traços linguístico-discursivos mais relevantes, os marcadores de reformulação (MDR) sobressaem na construção da referenciação textual/discursiva.

É, por consequência, em função deste quadro que vai ganhar “colorações de didaticidade” (Moirand, 1993: §1). O contrato de comunicação íntegra, como característica distintiva, uma intenção didática.

Nas revistas *Visão*, é logo na capa que se assume essa intenção didática pela apresentação de um contrato comunicativo próprio:

RAMOS, RUI & MARQUES, MARIA ALDINA; TRAÇOS DE DIDATICIDADE EM ARTIGOS DE DIVULGAÇÃO CIENTÍFICA MEDIÁTICA.
O CASO DE UMA EDIÇÃO ESPECIAL “VERDE” DA REVISTA VISÃO
REDIS: REVISTA DE ESTUDOS DO DISCURSO, Nº 5, ANO 2016, PP. 93-118



EDIÇÃO VERDE • ESPECIAL PARA GUARDAR

O leitor é convidado a ler e a manter a revista, anunciada como “para guardar”, o que sugere de imediato que os seus textos ambicionam a uma *vida* longa. Tal objetivo quebra as expectativas associadas aos textos informativos e opinativos mais comuns na imprensa generalista, marcados por uma orientação retrospectiva centrada sobre o passado relevante recente e uma orientação prospetiva de curto alcance temporal, ou seja, marcados por um traço forte de efemeridade.

Em articulação com esse novo quadro temporal, as temáticas serão necessariamente diferenciadas e os modos de organização textual apropriados ao tratamento de tais temáticas, com uma intenção didática reconhecível.

Ainda assim, como se verá, nem todos os artigos destas duas edições se integram nesta nova perspetiva, mesmo que se considere um quadro de “didaticidade fraca” (Moirand, 1993).

2.2. O PROCESSO LINGUÍSTICO-DISCURSIVO DE REFORMULAÇÃO. ESTADO DA QUESTÃO

Ao contrário do que é usual em investigação linguística, a *reformulação* é um fenómeno linguístico-discursivo que chamou a atenção dos investigadores no quadro das interações verbais orais (quadro teórico-metodológico da análise conversacional) e só mais tarde se tornou tema frequente das análises textuais-discursivas independentemente do suporte oral ou escrito dos textos/discursos considerados:

La reformulation est un phénomène langagier particulièrement fréquent, mais qui n'est devenu objet de description que depuis 30 ans à peine. Ce phénomène a d'abord attiré l'attention des linguistes s'intéressant au mode de production du discours oral dans un cadre conversationnel (Martinot & Romero, 2009: 7).

Contrariando também uma tendência para a hegemonia da investigação em inglês, é no domínio da linguística francesa e alemã dos anos 80 do século passado que a questão se impõe (ainda que por influência da *conversational analysis*)⁵.

5. “La reformulación es una relación discursiva de indudable éxito. Desde sus primeras definiciones (Antos 1982; Gülich, Kotschi 1983; Roulet 1987), su aceptación ha sido inmediata tanto en la Germanística como en la Romanística.” (Pons Bordería, 2013: 152).

A complexidade do fenómeno *reformulação linguística* traduz-se desde logo nas divergências a nível da própria definição, entre propostas mais abrangentes, como a de Cuenca e Bach (2007), em (a), ou mais restritas, como na formulação de Pons Bordería (2013), em (b)⁶:

6. Ressalve-se, no entanto, que esta parece ser uma proposta ainda em construção, dada a nota de rodapé que junta a um texto de 2014 (Pons Bordería & Lopes, p.106) sobre os marcadores *ou seja /o sea*: “Pons Bordería (2013) proposes an alternative account of the paraphrastic-non paraphrastic distinction which will not be dealt with in this paper.”

(a) Reformulation can be defined as a process of textual reinterpretation: The speaker or writer re-elaborates a previous fragment of discourse presenting its contents in a different way. Reformulation is a complex discourse function by which the speaker re-expresses an idea in order to be more specific...” (Cuenca e Bach, 2007: 149) (itálico nosso)

(b) La corrección, rectificación o invalidación es, a nuestro entender, una relación discursiva vecina, pero distinta de la reformulación. (...).

La reformulación es una toma de distancia con respecto a una formulación previa (...).

La reformulación es una operación discursiva bímembre, constituida por una primera formulación α , que es considerada insuficiente y substituida por una segunda formulación β , solo parcialmente idéntica a la primera. (Pons Bordería, 2013: 160 e 163) (itálico nosso)

Uma divergência ainda maior ocorre a nível da determinação das subcategorias da *reformulação* e consequentes tipologias. Pons Bordería (2013) dá conta dessa multiplicidade, sem no entanto esgotar a questão (vide anexo). Para este autor, a metodologia de abordagem do problema poderá estar na origem desta diversidade. Com efeito, a maior parte dos estudos neste domínio estão na verdade centrados sobre os MDR e não sobre a reformulação como fenómeno discursivo. A categorização da reformulação feita a partir da descrição de MDR, sem ter em conta a sua polifuncionalidade, seria a causa de resultados menos claros na delimitação da reformulação.

Parece, no entanto, largamente aceite a análise em duas grandes categorias, decorrentes de dois processos de reformulação distintos, com base em relações de igualdade/equivalência semântica ou distância/dissociação entre os segmentos da reformulação, respetivamente denominados *reformulação parafrástica* e *reformulação não parafrástica*:

...reformulation is divided into two main operations: (i) a semantic equivalence between two utterances (paraphrastic reformulation, PR), and (ii) a dissociation between two utterances, showing that the speaker fully reconsiders his/her first formulation and substitutes it by a new form/meaning coupling (non-paraphrastic reformulation, NPR). (Pons Bordería & Macário Lopes, 2014: 106)

Convergem ainda os diferentes estudos na determinação das funções textuais-pragmáticas da reformulação, a partir de uma função metacomunicativa central, de superação de obstáculos comunicacionais (“this discourse operation implies an autoreflexion about language and it is a clear sign of the metacommunicative function of language”, Cuenca & Bach, 2007: 149). A reelaboração do conteúdo, em particular num texto escrito planeado, constitui uma estratégia discursiva com implicações ao nível da coesão textual, da progressão discursiva, da polifonia ou dialogismo, mas também da argumentação, da construção do *ethos* (García Negroni, 2009) e da imagem do alocutário e das relações interpessoais construídas no discurso.⁷

A definição dada por Robles & Sabater (2011: 113), que recolhe as propostas de outros investigadores, servir-nos-á de quadro de análise:

La reformulación se define como un procedimiento de organización del discurso consistente en una relación jerárquica unidireccional entre dos enunciados que permite al hablante “explicar, rectificar, reconsiderar, recapitular o distanciarse de una formulación previa” (Garcés, 2006: 654). La mayoría de los autores que se han ocupado de este fenómeno de la polifonía discursiva coinciden en diferenciar dos tipos de reformulación parafrástica e no parafrástica...

Consideramos, ainda, que a *reformulação* não é um mero processo de repetição de informação. A retoma de um segmento discursivo introduz um novo ponto de vista; há progressão informativa nesta construção polifónica ou dialógica.

Para Hyland, por exemplo, é importante acentuar esse carácter não meramente parafrástico da reformulação. Em primeiro lugar, a reformulação tem consequências pragmáticas:

7. Cuenca & Bach (2007), procedendo a uma extensa revisão da literatura, elencam a maior parte destas funções, bem como alguns dos autores fundamentais que as estudaram e determinaram.

“Strictly (...), reformulation implies ‘X is equal to Y’, yet the process of repackaging information rarely results in a statement which has an exact equivalent meaning. Rephrasing invariably alters the pragmatic and rhetorical connotations of the original by moving the reader towards the writer’s preferred interpretation”. (Hyland, 2007: 277)

Em segundo lugar, ao reformular, o locutor procede a um juízo avaliativo, quando apresenta o que considera ser um elemento-chave para a continuação discursiva:

While writers may present two ‘versions’ of the same material, alternative formulations of a single idea rarely constitute identical meanings and tend to go beyond strict paraphrase to present what the writer considers to be the key elements of a prior utterance”. (Hyland, 2007: 270)

No uso da *reformulação*, o locutor orienta (argumentativamente) o seu discurso.

2.2. DA REFORMULAÇÃO COMO ESTRATÉGIA DE ORALIDADE À REFORMULAÇÃO COMO ESTRATÉGIA DA ESCRITA

Entre outros aspetos, já referidos, a *reformulação* como processo discursivo próprio do discurso de divulgação, e do discurso especializado em geral, é indissociável do facto de este se configurar em produções verbais escritas, em discurso refletido, isto é, planeado. Este é um fator fundamental a considerar, na medida em que, na escrita, ao contrário do que acontece em circunstâncias de interação verbal oral (em discurso não refletido ou não planeado), as reformulações “must be seen as part of a plan and therefore purposeful, indicating that the writer is seeking to convey particular meanings or achieve particular rhetorical effects” (Hyland, 2007: 269).

Qualquer que seja a subcategoria considerada, parafrástica ou não parafrástica, ao reformular um texto escrito o locutor não “hesita” nem “recua” perante uma primeira formulação, como apontam Gülich y Kostchi (1983: 334-335) para a situação de interação verbal oral:

Chaque fois qu'un locuteur hésite ou recule devant une formulation définitive, et que, par l'emploi d'un MRP (marqueur de reformulation paraphrastique) il souligne le caractère provisoire de celle-ci, il signale qu'il rencontre des obstacles dans la production du discours (cf. Antos 1982, 160). Ainsi, de la présence d'un MRP on peut conclure à l'existence de problèmes ou d'obstacles de communication. La reformulation paraphrastique est un moyen de surmonter ces obstacles.

Longe de ser uma “inabilidade”, a reformulação é, nos discursos em suporte escrito, uma estratégia discursiva de adequação aos objetivos do discurso e ao interlocutor.

Do ponto de vista pragmático, e considerando em particular o discurso de divulgação científica, há diferenças significativas entre simplesmente apresentar um discurso adequado ao entendimento do alocutário e apresentar um discurso em que surge a versão “elaborada” – original – dos conceitos, isto é, como retoma de discurso científico, e em seguida a sua reformulação “acessível” a um alocutário não especializado (a intenção didática, de que fala Moirand, 1993); de facto, estão em jogo questões

- (a) de imagem do locutor, que se pode afirmar mais competente, e
- (b) de autorização / credibilização do seu discurso, em simultâneo com
- (c) a clarificação do discurso que, por força do estatuto do alocutário, será marcado por uma didaticidade explícita.

O domínio do léxico, bem como dos conceitos específicos da área científica em questão, confere autoridade ao locutor e confere ao seu discurso uma aparência de cientificidade, ao mesmo tempo que desenha uma relação de proximidade, gerada pela atenção ao seu alocutário, potenciando a relação dialógica. Há, pois, questões de *ethos* (Amossy, 2010), em articulação estreita com as relações interpessoais, que se impõem e que assumem papel não negligenciável na construção discursiva.

3. ANÁLISE: PROCESSOS DE REFORMULAÇÃO NAS EDIÇÕES VERDES DA REVISTA VISÃO

Na análise do discurso de divulgação das revistas *Visão*, uma das primeiras questões que se nos colocou foi a da delimitação dos dados. Apesar da intenção exposta de publicar uma edição verde ESPECIAL PARA GUARDAR (e encontramos aqui uma intenção didática subjacente ao “valor” da revista “para guardar”), a verdade é que nem todos os textos se integram nesta perspetiva. Se em alguns casos a exclusão foi imediata (é o caso do discurso publicitário), outros textos houve que levantaram dúvidas, pela efetiva presença de uma “didaticidade fraca”.

O texto das páginas 16-17, da edição da *Visão* de 2015, constitui um caso exemplar. A integração no discurso de divulgação é apoiada pela presença de infografias (sobre a função das infografias no discurso de divulgação, ver Ramos (2012))⁸:

8. A própria *Visão*, anunciando a revista *Visão Júnior*, refere a presença de infografias que apoiam conhecimentos curriculares de Ciências da Natureza.

A terra continua a tremer

Os países pobres, como o Nepal e o Haiti, são mais vulneráveis em caso de catástrofes naturais



	HAITI Port-au-Prince 2010	NOVA ZELÂNDIA Christchurch 2011	NEPAL Kathmandu 2015
Magnitude	7,0	7,1	7,8
Mortes	200 mil*	1	8150**
Prejuízos***	€7000 milhões	€3500 milhões	€4500 milhões
Densidade populacional	25000/km ²	250/km ²	187/km ²
Rendimento per capita	€596	€36000	€649
Peso dos prejuízos no PIB	117%	3%	26%
Tempo para 50% da população voltar a ter energia (após o sismo)	5 anos	1 dia	1 semana
População abaixo da linha de pobreza	69%	6,5%	75,7%

*Mínimo de vítimas conhecido a nível de Fátima e que pode ter chegado entre 100 mil e 318 mil mortos. ** Só do sismo de 25 de abril. *** Estimativas
 FONTE: Disaster Security Studies (DSS) da UNIC; Página Verde, Reuters, imprensa, etc.

(Visão, nº 1158, 2015, pp. 17)

Contudo, ao nível dos processos de reformulação, que procurávamos estudar, não há ocorrências que justifiquem essa integração. Esta será, em princípio, uma característica dos discursos de divulgação, na linha do que Cuenca & Bach (2007: 150) referem sobre o discurso especializado, a que poderemos agregar o discurso de divulgação científica: “...the identification of reformulation becomes a way to recognize terms in specialized discourse...”.

Com o título *No Nepal já não resta pedra sobre pedra*, que tem como tema central o grande terramoto no Nepal, “sismo” que é, sem dúvida, um termo técnico, é usado aqui como um termo da linguagem comum. O modo como o locutor constrói a referenciação apela para essa não especialização. Logo na linha 2, o termo é usado sem reformulação:

A pouco e pouco, muitos dos três milhões de desalojados na sequência do sismo de 25 de abril começavam a regressar às casas que não haviam ficado completamente destruídas. (*Visão*, nº 1158, p. 16).⁹

9. Em todos os exemplos, os itálicos ou negritos são nossos.

De facto, é a perspetiva do homem comum, das vítimas neste caso, e não questões técnicas, que interessa ao locutor e por isso sismo coocorre com expressões como “A terra tremeu muito” (linha 5); “o medo da fúria da terra” (linha 9), “novos terremotos” (linha 23). Só nas linhas 26-27, o locutor procede por reformulação à denominação do processo de libertação de energia, ou sismo, marcando esse processo com o MDR *ou seja*:

É no Nepal, junto ao Evereste, que as placas tectónicas indiana e euro-asiática colidem, provocando libertação de energia – ou seja, sismos. (*Visão*, nº 1158, p. 16)

A não integração deste texto no discurso de divulgação é corroborada pela ocorrência de outros termos especializados que não merecem ao locutor a preocupação da reformulação: *placas tectónicas; falha sísmica central; placas continentais*. A ausência de tratamento do léxico especializado aponta para uma ausência de *intenção de didaticidade* que é global, ainda que reconheçamos esta ocorrência, pontual, de uma *coloração didática* que não deixa de trazer alguma ambiguidade à decisão de não integrar este texto no *corpus* de análise.

3.1. DISCURSO DE DIVULGAÇÃO CIENTÍFICA E REFORMULAÇÃO PARAFRÁSTICA

Passando, agora às ocorrências de reformulação discursiva, a consideração dos dados globais permite-nos afirmar que a reformulação está presente, sem ser um recurso central. Das categorias consideradas, é a relação parafrástica que ocorre, em processos quase sempre de definição e explicação de termos, característicos deste género discursivo.

Os processos de reformulação têm escopos diversos, envolvendo o léxico, em relações de sinonímia (a) e hiperonímia (b), e segmentos mais extensos, denominados “frases explicativas” (c) (García Negroni, 2009):

(a) ...*chilretas (ou andorinhas-do-mar-anãs)* (*Visão*, nº 1158, p. 58);

(b) ...deve o seu nome à antiga abundância de *camarinheiras* (um *arbusto*) (*Visão*, nº 1158, p. 38);

(c) ...do *período Jurássico Inferior*, a época de há 175 milhões a 200 milhões de anos (*Visão*, nº 1158, p. 31).

Cabe ainda referir a possibilidade de ocorrerem sequências de reformulações:

(d) ... deve ser *renaturalizado*, **ou seja**, *devolvido ao parque natural*; **mais prosaicamente**, *todas as construções serão demolidas*. (*Visão*, nº 1158, p. 58).

3.2. RECURSOS LINGUÍSTICO-DISCURSIVOS DE REFORMULAÇÃO¹⁰

É verdade que a polifuncionalidade dos MDR permite a sua ocorrência com valores diversos, apenas determináveis contextualmente; contudo, no nosso *corpus*, essa questão ficou secundarizada. Em primeiro lugar, porque são poucos os MDR e, em segundo lugar, porque apenas ocorre a *reformulação parafrástica* (o que aliás era expectável, dadas as características do género).

10. La bibliografía existente en torno a la reformulación da cuenta del uso de diversas estrategias discursivas que permiten al escritor alcanzar su propósito. Estas estrategias afectan diferentes niveles del discurso, especialmente el plano sintáctico y léxico. Entre los recursos de reformulación cabe destacar el uso de sinónimos, hipónimos, repeticiones léxicas, frases explicativas, verbos con función metalingüística, paréntesis, notas al pie de página y marcadores de reformulación. (Nuñez, Muñoz & Mihovilovic, 2006: 477).

De facto, estão limitados a três categorias (eventualmente acompanhadas de formas gráficas, como vírgulas ou travessões): *ou* (e), cinco ocorrências, *ou seja* (f), duas ocorrências, e *i.e.* (g), com uma ocorrência apenas:

(e) *Na vasta «biblioteca» de 400 espécies de microalgas, **ou** cianobactérias, já há bons candidatos...* (*Visão*, nº 1131, p. 94);

(f) *cobertura hidropónica (**ou seja**, sem solo)* (*Visão*, nº 1131, dossiê Sete, p. 5);

(g) *Mas o crescimento verde, i. e., ambientalmente sustentável, é e será realizado pelas pessoas* (*Visão*, nº 1131, p. 56).

A prevalência de *ou*, apesar da exiguidade do nosso *corpus*, parece ir no sentido do que acontece noutras línguas, em géneros discursivos próximos como o discurso científico. Cuenca e Bach (2007) num estudo sobre *o/or* em catalão, espanhol e inglês, no discurso de investigação consideram que este é um *reformulador geral*¹¹.

11. “The disjunctive conjunction *o/or* is the *general reformulator*”. Cuenca & Bach (2007: 169).

3.3. REFORMULAÇÃO SEM MDR

Como adianta García Negroni (2009: 48), retomando Gulish & Kostch (1983), a opção por uma estruturação da reformulação sem MDR é característica da reformulação parafrástica, porque

la equivalencia relativa entre las dos formulaciones es lo suficientemente fuerte como para que el locutor no tenga necesidad de explicitarla por medio de algún marcador específico de reformulación parafrástica.

É o caso dos textos em análise. A maior parte das operações de reformulação ocorre sem marcador de reformulação discursiva. As marcas gráficas, parênteses (h), 32 ocorrências¹², vírgulas (i), seis ocorrências, e travessões (j), três ocorrências, asseguram, exclusivamente, a interpretação do segmento como reformulação discursiva de um segmento anterior:

12. A frequência deste recurso deve também ser relacionada com as características e restrições de espaço do discurso jornalístico.

(h) enrocamentos (blocos de rocha compactada, para proteção)... (*Visão*, nº 1158, p. 47);

(i) O segredo de tamanhas ondas reside no chamado «*Canhão da Nazaré*», o maior desfiladeiro submerso da Europa, com cerca de 200 quilómetros de comprimento e 500 metros de profundidade (*Visão*, nº 1158, p. 39);

(j) ...cultura dos biovivos, ou superalimentos biológicos – proteína vegetal com baixas calorias, rico em vitaminas, antioxidantes e ácido fólico – já não é nova (*Visão*, nº 1131, p. 96).

Uma última categoria diz respeito à ocorrência de expressões que, pelo seu valor semântico, põem em destaque a intenção didática, e mostram as imagens do locutor e do alocutário, bem como a relação interlocutiva:

- o locutor apela ao conhecimento não especializado do alocutário, dado que os segmentos de reformulação atualizam uma voz a que este se identifica por contraste com a voz da ciência de que o locutor é mediador;

- dá ao seu discurso uma marca coloquial, nos antípodas da linguagem rigorosa da ciência, o que vai determinar as imagens dos interlocutores (mediador e cidadão comum), estabelecendo uma relação de proximidade informal:

(k) deve ser renaturalizado, ou seja, devolvido ao parque natural; **mais prosaicamente**, todas as construções serão demolidas (*Visão*, nº 1158, p. 58);

(l) foca-monge-do-mediterrâneo (**nome científico**: *Mocachuas monachus*) (*Visão*, nº 1158, p. 57);

(m) Na Iharos-Hemera é um «*international business process engineer*», **que é como quem diz um engenheiro com perfil de gestor** (*Visão*, nº 1131, p. 70);

(n) É a chamada aquacultura *multitrófica integrada*, **que não é mais do que a imitação dos ecossistemas naturais** (*Visão*, nº 1131, p. 94);

(o) Uma tendência que parece uma metáfora para uma série de *países-ilha – em rigor, estados arquipelágicos* – que parecem estar condenados aos efeitos dramáticos da espécie humana sobre o planeta (*Visão*, nº 1131, p. 124);

(p) as invulgares *heucheras (que parecem jardineiras)* (*Visão*, nº 1131, dossiê Sete, p. 5).

4. ACHEGAS FINAIS

As edições *verdes* da revista *Visão* pretendem ser um discurso de divulgação científica. Divulgando a ciência, fazem-no contudo numa perspetiva que não se distancia verdadeiramente do quadro característico do discurso dos media.

A didaticidade faz parte dos textos destas edições, mas deve ser categorizada como *didaticidade fraca*, de acordo com os parâmetros estabelecidos por Moirand (1993). Além de fazer-saber, pretendem *fazer-compreender*, mas de uma forma assistemática. Por isso, muitos termos científicos são desconsiderados enquanto possíveis objetos de reformulação (é o caso de *afloramentos rochosos*; fósseis de *amonites*, *arriba fóssil* ou *formação dunar*, em legendas de fotografias que integram o portefólio da última edição).

Mas é composicionalmente que mais se afastam das características do discurso de divulgação científica.

De facto, a narrativização sobrepõe-se à descrição/explicação característica de um discurso de vulgarização. O texto *Ordenamento. Ria Formosa*, p. 56 (*Visão* nº 1158) constitui um caso paradigmático. O locutor-jornalista aborda a questão a partir do relato de experiências pessoais, que acompanham a questão ambiental:

(q) Vitorino não os viu chegar. Eles andaram por ali uma, duas, várias vezes a tomar notas e a fazer perguntas mas foi como se nada fosse. De todas as vezes o velho cozinheiro fechou os olhos e fingiu que não estava a acontecer (*Visão*, nº 1158, p. 58);

(r) Manuel «Lobisomem» mudou-se aos nove anos para a Culatra. Tudo isto conta o velho cozinheiro (*Visão*, nº 1158, p. 58);

(s) A Polis Litoral da Ria Formosa é clara em relação ao chamado núcleo dos Hangares: deve ser renaturalizado, ou seja, devolvido ao parque natural; mais prosaicamente, todas as construções serão demolidas. (*Visão*, nº 1158, p. 58);

(t) Diz-se em Olhão que as Ratas, que tinha umas 50 casas, era um pequeno Casal Ventoso lisboeta (*Visão*, nº 1158, p. 58);

(u) E quando desembarcamos num outro ilhote onde surgiu uma colónia de chilretas (ou andorinhas-do-mar-anãs), um dos vigilantes quase bate palmas ao ver ovos em pequenas depressões na areia. (*Visão*, nº 1158, p. 58).

Poderia afirmar-se que o olhar que traz estas questões ambientais à revista resulta mais de uma perspetiva antropocêntrica do que de uma perspetiva ecocêntrica; e constrói-se mais sobre um modelo narrativo do que sobre um modelo explicativo. A preocupação com o “lado humano”, elemento de atratividade que enformará o artigo e cumprirá a exigência de emocionalidade (Charaudeau, 2008), enfatiza e reforça o interesse humano na questão, ficando relativamente longe do que poderia ser um posicionamento “verde” (isto é, mais próximo do que, genericamente, defendem as correntes, os movimentos e as organizações ambientais). Mas mesmo nestes segmentos os mecanismos de reformulação estão presentes, em alguns casos incidindo sobre termos técnicos ou científicos, como “renaturalizado” ou “chilretas”.

A terminar, há que assinalar que a *Visão* assume um propósito claramente interventivo ou empenhado. Num artigo introdutório à edição nº 1131, a “edição verde” do ano de 2014, afirma-se:

Com o emprego «verde» como tema central da nossa capa, chegamos à nossa oitava edição de linha dedicada ao ambiente e ao desenvolvimento sustentável. Reafirmamos, assim, o compromisso, assumido em 2007, com a primeira edição temática da VISÃO Verde, de fazer, todos os anos, uma revista em defesa da sustentabilidade do Planeta e de um futuro melhor para todos. Um objetivo que continua a fazer sentido e para o qual continuamos a receber o apoio dos nossos leitores (*Visão*, nº 1131, p. 4).

A valorizar-se a reformulação e as sequências explicativas na construção de textos de divulgação científica, deve considerar-se que os textos em análise são pouco prototípicos do que poderia ser a divulgação científica, eventualmente por se tratar de um *medium* de informação generalista, não especializado e destinado a um público indiferenciado.

REFERÊNCIAS

- Amossy, R. (2010). *La présentation de soi. Ethos et identité verbale*. Paris: Presses Universitaires de France.
- Calsamiglia, H. & Tusón, A. (2002). *Las cosas del decir*. Barcelona: Ariel Lingüística.
- Charaudeau, P. (2008). *Linguagem e discurso: modos de organização*. São Paulo: Contexto.
- Cuenca, M. J. & Bach, C. (2007). Contrasting the form and use of reformulation markers. *Discourse Studies*, 9(2), 149-175.
- García Negroni, M. M. (2009). Reformulación parafrástica y no parafrástica y *ethos* discursivo en la escritura académica en español. Contrastes entre escritura experta y escritura universitaria avanzada. *Letras de Hoje*, Porto Alegre, 44(1), 46-56.
- Giering, M. E. (2011) Explicar temas científicos para crianças: regulações descendentes e ascendentes sobre a macroorganização do texto. *Revista Diadorim / Revista de Estudos Linguísticos e Literários do Programa de Pós-Graduação em Letras Vernáculas da Universidade Federal do Rio de Janeiro*, 10, 110-124.
- Gülich, E. & Kotschi, T. (1983). Les marqueurs de la reformulation paraphrastique. *Cahiers de linguistique française*, 5, 305-351.
- Harré, Brockmeier & Mühlhäusler (1999). *Greenspeak. A Study of Environmental Discourse*. Thousand Oaks / London / New Delhi: Sage.
- Hyland, K. (2007). Applying a gloss: Exemplifying and reformulating in academic discourse. *Applied Linguistics*, 28(2), 266-285.
- Kerbrat-Oreccioni, C. (1990). *Les Interactions Verbales*. Tomo I. Paris: A. Colin.
- Maingueneau, D. (1998). *Analyser les textes de communication*. Paris: Dunod.
- Martinot, C. & Romero, C. (2009). La reformulation: acquisition et diversité des discours. *Cahiers de Praxématique*, 52, 7-18.
- Moirand, S. (1993). Autour de la notion de didacticité. *Les carnets du CEDISCOR*, 1, 9-20.
- _____ (1999). Les indices dialogiques de contextualisation dans la presse ordinaire. *Cahiers de praxématique*, 33, 145-184.
- Moirand, S. (2007). *Les discours de la presse quotidienne. Observer, analyser, comprendre*. Paris: PUF.
- Núñez, P., Muñoz, A. & Mihovilovic, E. (2006). Las funciones de los marcadores de reformulación en el discurso académico en formación. *Revista Signos*, 39(62), 471-492.

Pons Bordería, S. & Lopes, A. C. M. (2014). Ou seja vs O sea: formal identity and functional diversity. *Revista de Estudos Linguísticos da Universidade do Porto*, 9, 103-128.

Pons Bordería, S. (2013). Un solo tipo de reformulación. *Cuadernos AISPI*, 1, 151-171.

Ramos, R. & Carvalho, A. (2008). Science as Rhetoric in Media Discourses on Climate Change. In Dam, L., Holmgreen, L.-L. & Strunck, J. (eds.). *Rhetorical Aspects of Discourses in Present-Day Society*. Newcastle upon Tyne: Cambridge Scholars Publishing, pp. 223-247.

Ramos, R. (2009). *O discurso do ambiente na imprensa e na escola. Uma abordagem linguística*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian / Fundação para a Ciência e a Tecnologia.

_____(2011). Contributos para a caracterização da retórica ambiental na imprensa generalista portuguesa. *Revista Galega de Filoloxia*, 12, 155-176.

_____(2012). Editoriais de edições especiais «verdes» na imprensa periódica portuguesa contemporânea. O caso da revista «Visão». *Caderno Seminal*, 18, 186-200.

Robles & Sabater, F. (2011). Los marcadores no parafrásticos de reconsideración en alemán y español: equivalencia funcional y tratamiento lexicográfico. In Maruenda-Bataller, S. & Clavel-Arroitia, B. (eds.). *Multiple Voices in Academic and Professional Discourse: current issues in Specialised Language Research, Teaching and New Technologies*. Cambridge: Cambridge Scholars Publishing, pp. 113-121

AUTOR	TIPO DE RELACIÓN				
Gülich y Kotschi (1983)	Expansión		Reducción	Variación	
Charolles y Coltier (1986)	Paráfrasis	Denominación		Conclusión	Corrección
Gülich y Kotschi (1987)	Paráfrasis			Repetición	Corrección
	Expansión		Reducción		
	Explicación definitoria	Ejemplificación	Denominación	Sumario	
Murat y CartierBresson (1987)	Repetición definitoria		Correferencia	Cuantificación	Especificación/ enumeración
Roulet (1987)	Parafrástica	No parafrástica			
		Indicación de una nueva perspectiva enunciativa	Indicación de un cambio de perspectiva enunciativa		Invalidación de una perspectiva enunciativa previa
Rossari (1994)	Parafrástica	No parafrástica			
		Recapitulación	Reconsideración	Distancia	Invalidación

ANEXO 1

QUADRO: SUBTIPOS DE REFORMULAÇÃO EN DIFERENTES PROPOSTAS TEÓRICAS, DE SALVADOR PONS BORDERÍA (2013)

Fuentes (1993)	Parafrástica			No parafrástica							
	Explicación	Denominación	Corrección	Generalización			Expansión				
				Etiqueta	Conclusión	Recapitulación	Enumeración/definición	Particularización/Ejemplificación			
Noren (1999)	Repetición		Reformulación con semejanza fuerte		Reformulación con semejanza débil						
Bach (2000)	Parafrástica			No parafrástica							
	Expansión	Reducción	Variación	Expansión	Reducción	Variación	Permutación				
Del Saz (2003)	Explicación		Resumen		Conclusión			Rectificación			
Murillo Omat (2007)	Identificación	Especificación	Orientación	Explicación	Intr. De correcciones	Corrección	Definición	Denominación	Conclusión	Operación matemática	Consecuencia
Garcés (2008)	Explicación		Recapitulación		Consideración		Separación		Rectificación		

